

Ensino e aprendizagem em administração

A nova onda do Imperador

Wilma Pereira Tinoco Vilaça*

A amizade é o tema central de **A nova onda do Imperador**. O filme, na verdade um desenho animado, conta a história de um imperador egocêntrico e egoísta, que teve a idéia de construir uma enorme área de lazer, por ele batizada de Kuscopia, no alto de uma colina, onde viviam várias famílias de colonos. Seria o seu presente de aniversário, uma vez que estava prestes a completar 18 anos. Para certificar-se do acerto de sua escolha, chama à sua presença um dos colonos. Quando lhe perguntou sobre o local, o camponês responde que "tudo lá era tão perfeito que quando o sol batia, era como se o morro cantasse". Pronto. Esse encontro é o fio condutor da narrativa.

Kusko, como qualquer imperador que se preze, tinha uma conselheira. E que, como todos os conselheiros, ambicionava o trono e o poder, só possível com a morte do jovem tirano. Cansado da conselheira, Kusko a despede, usando como motivo a necessidade de "reengenharia", o que a obriga a antecipar seus planos. Mas, como toda boa história precisa de um bobo-da-corte charmoso, simpático e atrapalhado, a conselheira tinha lá o seu fiel escudeiro, que falha na missão de envenenar o imperador e acaba transformando-o em uma lhama. E, por um desses acasos, os caminhos da lhama e do colono voltam a se encontrar, o que gera uma seqüência de aventuras, nas quais o imperador-lhama vai descobrir o valor da amizade, da palavra empenhada e da honra.

Utilizado em sala de aula, em discussões sobre ética, o filme **A nova onda do Imperador** pode ser observado por, pelo menos, duas perspectivas: a primeira se refere à relação de amizade que se estabelece entre o colono – Pacha – e o Imperador Kusko, que implica a observação das relações sociais entre os homens. A segunda, como postula o filósofo Sêneca, leva-nos à reflexão sobre as grandes batalhas internas que o homem moderno trava consigo mesmo. Para o filósofo, o homem traz dentro de si o bem e o mal, mesmo que a virtude seja sua tendência natural. A consciência seria então o nosso juiz interior, responsável por fazer a distinção do melhor caminho a ser seguido, ao longo de nossa vida. Essa dualidade está presente tanto no personagem do Imperador Kusko quanto no escudeiro da conselheira, que sempre se vê às voltas com um anjo e um demônio a fustigar-lhe a consciência e a confundi-lo sobre o que é preciso ser feito.

* Mestre em Administração pela PUC Minas/FDC, professora dos cursos de graduação em Administração e Marketing da PUC Minas e da Câmara dos Dirigentes Lojistas/CDL BH.

Ao transpor o enredo para a realidade das empresas brasileiras, temos presentes alguns componentes do cotidiano de muitas empresas do mundo contemporâneo. Um deles seria a constatação da interdependência entre os participantes de uma empresa. Pouca coisa mantém sua graça na solidão: precisamos do outro para nossa completude. Lembrem-se de **Cidadão Kane**, de Orson Welles? Outro seria a questão da honra: Pacha honra sua palavra e demonstra sua lealdade o tempo todo e faz com que Kusko se renda à virtude. Mas foi preciso que Kusko fosse transformado em lhamma, ficasse perdido na floresta, e tivesse medo, para que atendesse aos postulados de Fromm: "Ser capaz de prestar atenção a si mesmo é pré-requisito para ter a capacidade de prestar atenção nos outros; sentir-se bem consigo mesmo é a condição necessária para relacionar-se com os outros".

Ao trabalhar esse filme em sala de aula, observam-se as reações dos alunos. Alguns se encantam com os valores presentes no filme, demonstrando rica capacidade de análise. Para outros, a tarefa de discutir ética não lhes parece possível a partir de um desenho animado. Instados a fazê-lo, a captar mensagens nas entrelinhas, a pesquisar o não-dito e as metáforas que o filme traz, reorganizam-se nas cadeiras e adotam a postura de uma avaliação mais crítica e aprofundada.

Sabendo-se que o conhecimento é muito mais que a acumulação de fatos e dados isolados e que inclui a capacidade de analisá-los e aplicá-los a situações e experiências vivenciadas no cotidiano, o professor poderá realizar um bom trabalho se colocar seus alunos frente a frente com as seguintes indagações:

- a. Na escola, na vida em família e no trabalho, você se considera mais Kusko ou mais Pacha? Em sua vida, qual a postura que adota?;
- b. Em quais valores você se baseia para tomar decisões?;
- c. Ao despedir sua conselheira, Kusko elenca uma série de motivos, fazendo alusão aos processos de gestão utilizados por muitas organizações modernas. Você acha que, nas organizações, existe respeito entre as pessoas que dela fazem parte? Qual seria a mensagem que o filme-desenho pretendeu transmitir?;
- d. Mesmo que Kusko estivesse amparado pela lei e que a construção da Kuskopia fosse seu direito como imperador, você consideraria seu direito como ético? Por quê?;
- e. Reconstrua a história, eliminando todas as passagens nas quais um personagem (qualquer um, à sua escolha) tenha demonstrado comportamento não-ético. Em seguida, justifique essa escolha, amparando suas observações nos conceitos estudados em sala de aula.

Por fim, em tempos em que se estabelece estreita relação entre os males contemporâneos e a negação de valores considerados básicos, o filme pode ser um bom ponto de partida para a discussão ético-filosófica. A narrativa flui, possui leveza, profundidade, e trata, mais precisamente, do que acontece com os indivíduos quando eles são despertados para o desejo de busca das suas verdades e dos seus valores. Entende-se, como aponta Fernando Pessoa, que "tudo vale a pena, se a alma não é pequena", mesmo que seja por meio de um simples desenho animado.